

CARNAVAL DE 1932

DANÇA DA VILA NOVA (DANÇA DOS DEPORTADOS)

Francisco Luis de Melo (*O Chico Roico*)

Chico Roico nasceu, na freguesia da Vila Nova, a 3 de Dezembro de 1896 e faleceu a 28 de Abril de 1935, na cidade de Angra do Heroísmo. Era filho de Francisco Luís Borges e de Maria Inácia.

Pedreiro.

Sabia ler e escrever.

Cumprido o serviço militar, emigrou para os Estados Unidos da América do Norte onde permaneceu dez anos a “trabalhar nas vacas”.

Chico Roico, desde jovem, demonstrou qualidades para o improviso. Deste modo, com a idade de dezasseis anos, foi convidado a participar numa folia de bezerros do Espírito Santo, na Praia da Vitória. Tomou parte em cantorias com o João Canôa, Tenrinho, Bravo, Massica, Chico Zidro, Charrua, António Dias, Chico da Vila e outros.

Chico Roico é autor de várias danças: “Dança da Ana”, “Dança da Mariquinhas”, que foi representada na América a pedido dos emigrantes, “Dança de Alfaiates”, “Dança das Armas”, “Dança de Ladrões e Fidalgos”, “Dança dos Deportados”, “Dança dos Pretos”, “Dança do Estudantezinho” e “Dança de Carpinteiros”.

Porque muito mais vocacionado para a escrita de enredos de “danças”, Chico Roico não foi um improvisador dos mais experimentados. No entanto, bateu-se bastas vezes, em pugnas aguerridas com muitos cantadores do seu tempo. O seu mérito repentista e o seu requintado virtuosismo reside na leveza espontânea da sua voz, de certa malícia, por vezes, ao redor de uma ideia trivial:

Chamou pelo "Haja Vidas",

Aqui o senhor Moreira.

Assim, houvesse dinheiro

Que bebida há quanta queira.

(Dita, no bodo das Fontinhas, ao dono da taberna "Haja Vidas" a quem o cantador Moreira pediu para “matar o bicho”).

Minha tesoura não corta

Em tão bonita fazenda.

Para isso, só se for

O caixeiro duma venda.

(Dirigida a um caixeiro que ao chegar bem vestido a um terço onde o poeta se encontrava, foi preferido pela sua namorada).

Quando te vires apertado,

Dás um pulo até à Cova,

A chamar o Chico Roico

Ao Passo da Vila Nova.

(Em desafio com o João Canôa na Serreta por ocasião das festas do verão).

Dou a saber a este povo,

Que vamos em romaria,

Juntar o necessário

Para o bôdo da freguesia.

Este povo das Fontinhas
É que atrai os meus sentidos..,
(Quadras improvisadas na companhia dos foliões, à saída da missa, a pedir
para o bôdo).

Chico Roico: Um Poeta Popular

Francisco Luís de Melo, mais conhecido por Chico Roico ou, ainda, por Chico da Antónia, nasceu na freguesia de Vila Nova, ilha Terceira, em 1896. Tinha como habilitações a 4ª classe e, até ir para a tropa, exerceu a profissão de pedreiro. Cumprido o serviço militar, segue as pisadas de muitos jovens do seu tempo emigrando para os EUA onde “trabalha nas vacas” durante alguns anos. Regressa à Terceira em 1929 e morre em Abril de 1935 com um cancro na garganta.

É autor de várias danças e participante activo em diversas cantorias, afirmando-se como um perspicaz cantor de improviso.

Essas danças, ainda hoje, estão bem gravadas na memória dos seus contemporâneos. Antes de emigrar fez, pelo menos, a “Dança da Ana”; a “Dança da Mariquinhas”, que foi representada na América a pedido dos emigrantes, e uma “Dança de Alfaiates”. Depois do seu regresso à terra natal apresenta em 1930 a “Dança das Armas”, e nos anos seguintes até à sua morte, as que se seguem fazendo parte desta pequena colectânea:

“DANÇA DE LADRÕES E FIDALGOS” – 1931

“DANÇA DOS DEPORTADOS” – 1932

“DANÇA DOS PRETOS” – 1933

“DANÇA DO ESTUDANTEZINHO” – 1934

“DANÇA DE CARPINTEIROS” - 1935

Admirado e estimado por toda a gente da sua freguesia, e mesmo em toda a ilha, Chico Roico é lembrado nos nossos dias com muita saudade. A sua personalidade bem vincada acabou por identificá-lo com as próprias danças, o que é talvez uma excepção, em relação aos outros autores de danças: a dança do Chico Roico.

Os textos agora apresentados deram muitas voltas até corresponderem aos originais das referidas danças.

Os documentos que serviram de base ao trabalho foram cópias manuscritas que o sr. Serafim Coelho de Melo havia feito em criança; a “dança de Ladrões e Fidalgos” está impressa num pequeno folheto, datado de 1931, pertencendo ao mesmo coleccionador.

Agarrados os documentos, tornava-se necessário confirmar a sua autenticidade, até porque o sr. Serafim se mostrava pouco seguro, visto que eram coisas do seu “tempo de rapaz pequeno”.

Reuni, então, os meus avós, Augusta Pimentel e Januário Borges de Melo, irmão do poeta e bom Mestre de Danças, segundo os entendidos, e o meu tio-avô, José Machado Pimentel, os quais depois de várias leituras confirmaram os textos que se seguem como correspondentes aos originais apresentados nos dias de Entrudo. Quero com isto dizer que para Chico Roico, que também era ensaiador, o texto podia sofrer alterações até ao último dia. Foi o que aconteceu, por exemplo, com o coro da “Dança de Carpinteiros” (3ª moda). Este coro resumia-se a uma quadra que se repetia duas vezes:

É carnaval

corram todos venham ver

o trabalho quanto vale

os machados a bater.

No ensaio geral, feito à porta da sua casa, visto que ele já se encontrava extremamente doente, manda parar a dança quando cantavam o coro, e acrescenta-lho, de repente, outra quadra para evitar a repetição da 1ª:

*Eu não me nego
a serviço forte ou fraco
cada martelada um prego
cada falquejo um cavaco.*

Para ele, o coro da “dança” era o mais difícil de fazer, porque este devia ser o sumo de todo o “enredo”.

As suas “danças” se bem que não se afastem muito do esquema já descrito do desenrolar de uma “dança”, apresentam contudo, uma característica que gostaria de salientar que, tanto pode ser reflexo da maneira de ser do poeta e ensaiador, como pode também pode sê-lo, das vivências do seu tempo. Existe nelas uma participação colectiva muito maior do que nas “danças” dos nossos dias, visto que a “saudação”, a apresentação do “enredo” e a “despedida” são feitas por todos e não apenas pelo “Mestre”. Este não assume um papel tão rígido e distanciado dos restantes elementos como se verifica nos dias de hoje: dialoga com os personagens e vice-versa.

Nos textos das “danças” que se apresentam surgiram por vezes dificuldades na colocação correcta da entrada do coro. Sempre que assim acontecia coloquei o coro no fim da respectiva moda. A informação colhida é de que o coro vem geralmente intercalada entre duas ou três quadras, adaptando-se ao desenrolar do “enredo”.

Quanto à ortografia, corriji, apenas, alguns erros mais evidentes, à excepção daqueles que serviam de rima, ou de algumas expressões populares, que se mantiveram intactas. Procurei não sobrecarregar o texto com pontuação, utilizando apenas o indispensável.

As suas qualidades foram elogiadas por outro grande cantor popular da nossa terra, o CHARRUA que numa cantoria na praça da Vila Nova, lhe dedica esta quadra:

*Também foi rei da Sidónia
com um saber desigual
o Francisco da tia Antónia
para as danças de carnaval.*

Ao tio Chico Roico, grande dinamizador das “danças” do Entrudo, e a toda a sua geração, a juventude da Vila Nova presta a sua homenagem.

1ª Moda

Tenente e soldados

A boa tarde daremos
já que neste lugar estemos
a todo esse arraial
que lhe dá a soldadesca
nesta tarde bela, e fresca
dos dias de Carnaval

Mostremos nossos soldados
cavalheiros ilustrados
a toda esta fidalguia
todos prontos a marchar
sujeitos a guerrear
a qualquer hora do dia

Temos o nosso castelo
entrincheirado e belo
também está ao nosso cargo
e à porta a sentinela
que não passamos sem ela
para vigiar ao largo

Nosso oficial de dia
chefe desta companhia
ele é quem tudo governa
a toda a hora destina
um de guarda, um de fachina
um de plantão à caserna

O que não for de direito
que lhe não tiver respeito
a fazer qualquer serviço
não vá pedir aos amigos
que ele então para castigos
não é escasso para isso

Atende a qualquer pessoa
ao menos para os de Lisboa
é uma alma lavada
mete-os cá para a companhia
oxalá que algum dia
não haja aqui massagada

2ª Moda

Capitão

Boa tarde bom soldado
que aqui estás entrincheirado
e robusto que consola
muita bem diga-me cá

se o nosso Tenente está
beba lá esta pingola

Soldado de sentinela

Às minhas ordens não falto
os senhores façam lá alto
e você já que falou
ponha-se lá mais ao largo
eu quero seguir meu cargo
vá cozê-la onde a tomou

Capitão e soldados

Tem razão bravo soldado
nós estamos ao teu lado
não te zangues com a gente
nem percas a tua crença
que a gente só quer licença
para falar ao teu Tenente

Soldado de sentinela

Dá licença meu Tenente
que aqui está toda esta gente
a fazer grande zum zum
se me dás ordem para fogo
que eu pego a fazer jogo
aqui não escapa um

Tenente

Palerma o que queres fazer
pois tu não estás a ver que
estás fora da razão?!
Todos são oficiais
por sinal até demais
não vês que é um capitão?!

Dou a saber aos meus soldadas
Que aqui estão aquartelados
que saibam neste momento
que este senhor de hoje avante
fica sendo comandante
cá do nosso regimento

Capitão

Soldados valentes de Portugal
aonde reina o sangue luso
mostrai mais uma vez que sabeis defender
[a Liberdade.
É tempo de acabarmos com esta maldita Ditadura
que nos traz há seis anos amortecidos debaixo
[do poder das suas leis severas.
Mas, de hoje avante
com o auxílio de vós soldados briosos
trunfará a República Liberal.
Viva a República!

Capitão

Fiquem todos à vontade
que lhes dou a liberdade
de viverem com loucura
só quero ouvir zuar
vai a República para o ar
e abaixo a Ditadura

CORO

Viva a República
e abaixo a Ditadura
soldados e deportados
a dançarem com loucura

Soldados

Viva o nosso Capitão
Que nos dá autorização
Para beber e fumar
e os senhores deportados
fortes homens asseados
para gorgetas nos dar

Capitão

Vai haver igualdade
para andarem à vontade
não sofrer como sofriam
não haver ricos nem nobres
para escarnecer os pobres
como até aqui faziam

Soldados

Rapazes se isto durasse
que a gente para aqui ficasse
mais tempo que o que era dado
mas é que isto não dura
que a fala da Ditadura,
vai dar mau resultado

Soldado de sentinela

Eu manifesta-vos à pressa
vem uma grande remessa
de tropa para guerrear
com armamento tão belo
para arrasar esse castelo
ou a gente se entregar

Capitão e deportados

Diz por onde foste ouvindo
essa gente está mentindo
não se fartam de mentir
se tem tropa na baía
é para a nossa companhia
nós é que a mandámos vir

Soldado de sentinela

Venho aqui avisá-lo
anda aqui um a cavalo
só para ouvir e levar
conta tudo ao Coronel
oxalá que este quartel
inda hoje não vá pelo ar

Capitão e deportados

Não estejam assustados
nobres valentes soldados
com aquelas ameaças
bebam todas uma pinga
da gente ninguém se vinga
com mentiras e chalaças

Soldado de sentinela

Aviso terceira vez
vem um Coronel português
e marinheiros armados

o corneteiro na frente
é para matar a gente
estamos todos desgraçados

Deportados

Não temos armas à mão
é essa a nossa paixão
para a gente se defender
deixai vir essa bodega
mas aqui ninguém se entrega
nem que saibam de morrer

3ª Moda

TODOS

Comecemos nova moda
meus alegres companheiros
deixa lá vir o Coronel
chefe fiel
dos trapasseiros

Deportados

Se vier com pouca tropa,
fazemos-lhe uma caçada
vai levar o seu retoíço
no calaboiço
mais a armada

Coronel

Eu venho participar
a toda esta malandragem
que se entreguem sem rigor
para no vapor
seguir viagem

Capitão

Nossos soldados não falham
entrai com vossa **campanha**
entregar?... antes morrer!
Só queremos ver
quem é que ganha

Coronel

Tenho mil praças a bordo
armadas até aos dentes
venho cá com estas só
por ter dó
dos inocentes

Soldado

A gente vai-se entregar
Ao Coronel que nos socorre
com mil praças a bordo
eu sou de acordo
que a gente morre

Soldados

Dá licença meu Coronel
andámos sempre enganados
quem embriagava a gente
era o Tenente
e os deportados

Coronel

Tiranos, se tivésseis coragem
a quadrilha nunca entrava
fuzilassem o Tenente
que eu de boa mente
lhes perdoava

Maia Rebelo

Capitão se estás com medo
eu por mim já desapego
eu sem ser bem amarrado
ou fuzilado
nunca me entrego

Coronel

Entreguem-se às minhas ordens
digam lá se querem paz
não me faltem ao respeito
com todo a jeito
que ela se faz

Maia Rebelo

Vocês se querem a paz
digam lá que eles estão ali
mas a paz para mim não vem
porque ninguém
me leva daqui

Deportados

Não temos força entreguemo-nos
A esta maldita praga
a prisão em que hoje estamos
nós lhe juramos
que há-de ser paga

Maia Rebelo

Eu sou o Maia Rebelo
quem tivesse a liberdade
se um dia te caçasse
que te esgaçasse
à minha vontade

Coronel

Faça favor senhor polícia
daquele gaiato caçar
sacai-lhe o revólver fora
e sem demora
braços para a ar

Maia Rebelo ao polícia

Ó vinte e oito põe-te à vela
procura o Coronel num pulho
se não levas algum soco
cara de mouco
grande vasculho

Coronel

Estão prontos e avisados
sujeitos ao que vier
não quero ouvir algazarra
quando não... se agarra
quem a fizer

Ordeno ordens para marchar
tudo com pontuação
sempre alerta a vigiá-los

e encerrá-las
na embarcação

Casa da Cultura da Terceira
Processado em computador por Jorge Borges, a partir do documento
existente na Colecção JNB.
Angra do Heroísmo, Julho de 2001.